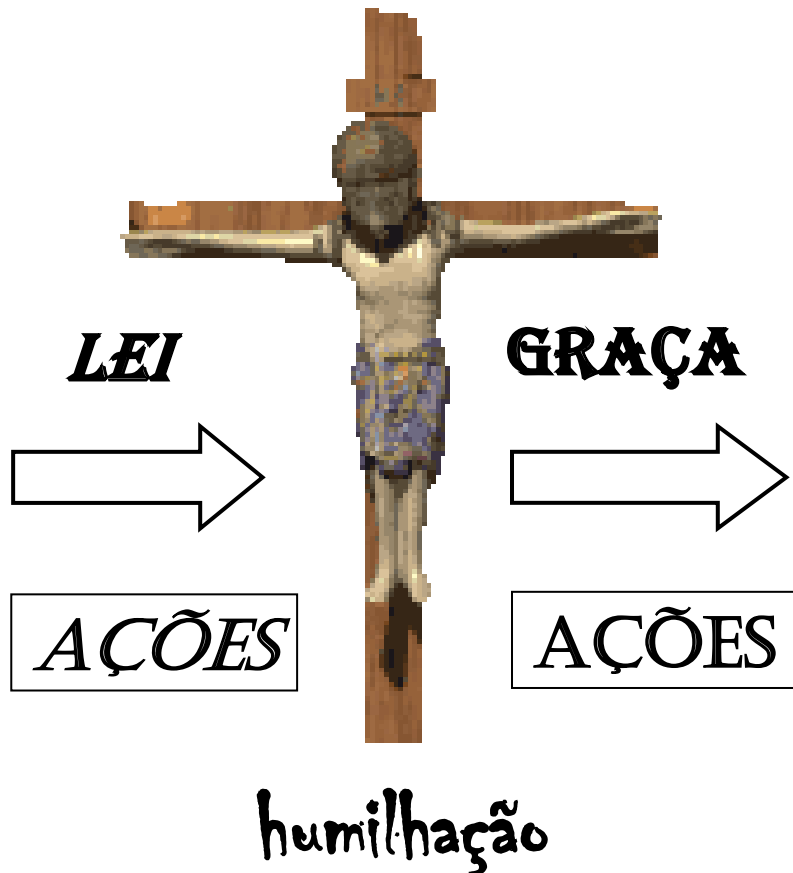
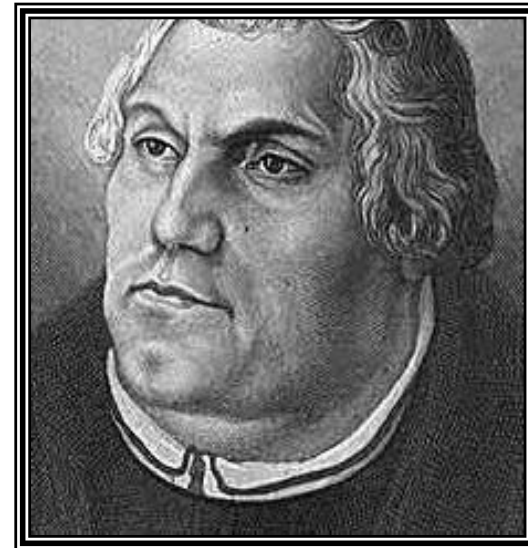


SALVAÇÃO



COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DA ASCENSÃO



AS TESES DE HEIDELBERG

Comemoração dos 500 anos de
Presença Luterana no Mundo

1. A lei de Deus, mui salutar doutrina da vida, não pode levar o ser humano à justiça; antes, o impede.
2. Muito menos podem levá-lo as obras dos seres humanos, muitas vezes repetidas, como se diz, com o auxílio do di-tame natural.
3. Ainda que sejam sempre belas e pareçam boas, as obras dos seres humanos são, ao que tudo indica, pecados mortais.
4. Ainda que sejam sempre disformes e pareçam ruins, as obras de Deus são, na verdade, méritos imortais.
5. As obras dos seres humanos (falamos das aparentemente boas) não são pecados mortais no sentido de constituírem crimes.
6. As obras de Deus (falamos das que se realizam por inter-médio do ser humano) não são méritos no sentido de não constituírem pecados.
7. As obras dos justos seriam pecados mortais se os próprios justos, em piedoso temor a Deus, não temessem que elas fossem pecados mortais.
8. Com maior razão são pecados mortais as obras dos seres humanos, pois ainda são feitas sem temor, em mera e má segurança.
9. Afirmar que as obras sem Cristo são certamente mortas, porém não pecados mortais, parece constituir um perigoso abandono do temor a Deus.
10. Na verdade, é difícilimo compreender como uma obra seria morta se ser, ao mesmo tempo, pecado pernicioso ou mortal.
11. Não se pode evitar a presunção, nem pode haver verdadeira esperança, se em cada obra não se temer o juízo de conde-nação.
12. Os pecados são realmente veniais perante Deus quando os seres humanos temem que sejam pecados mortais.
13. Após a queda, o livre arbítrio é um mero título; enquanto faz o que está em si, peca mortalmente.
14. Após a queda, o livre arbítrio tem uma potência apenas subjetiva para o bem; para o mal, porém, sua potência é sempre ativa.



15. O livre arbítrio tampouco pôde permanecer no estado de inocência pela potência ativa, mas sim pela subjetiva; me-nos ainda pôde progredir em direção ao bem.
16. O ser humano que crê querer chegar à graça fazendo o que está em si acrescenta pecado sobre pecado, de sorte que se torna duplamente réu.
17. Entretanto, falar assim não significa dar motivo para o de-sespero, mas para humilhar-se, e suscitar o empenho no sentido de procurar a graça de Cristo.
18. Certo é que o ser humano deve desesperar totalmente de si mesmo, a fim de tornar-se apto para conseguir a graça de Cristo.
19. Não se pode designar condignamente de teólogo quem enxerga as coisas invisíveis de Deus compreendendo-as por intermédio daquelas que estão feitas;
20. Mas sim quem compreende as coisas visíveis e posteriores de Deus enxergando-as pelos sofrimentos e pela cruz.
21. O teólogo da glória afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom; o teólogo da cruz diz as coisas como elas são.
22. A sabedoria que enxerga as coisas invisíveis de Deus, com-preendendo-as a partir das obras, se envaidece, fica cega e endurecida por completo.
23. A lei provoca a ira de Deus, mata, maldiz, acusa, julga e condena tudo o que não está em Cristo.
24. Não obstante, aquela sabedoria não é má, nem se deve fugir da lei; sem a teologia da cruz, porém, o ser humano faz péssimo uso daquilo que há de melhor.
25. Justo não é quem pratica muitas obras, mas quem, sem obra, muito crê em Cristo.
26. A lei diz: “Faz isto”, mas nunca é feito; a graça diz: “Crê neste”, e já está tudo feito.
27. Poder-se ia dizer, com razão, que a obra de Cristo é a que opera e que a nossa é a operada, e, por conseguinte, que a obra operada agrada a Deus pela graça da obra operante.
28. O amor de Deus não acha, mas cria aquilo que lhe agrada; o amor do ser humano surge a partir do objeto que lhe agrada.